



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

RELIGIÃO E EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA: O CASO DA BENZEDURA¹

*Religion and education for citizenship:
the case of benzedura*

Carolina Teles Lemos²

Resumo: O objetivo deste artigo é realizar uma análise sobre a inter-relação entre a religião, a educação e a cidadania na sociedade atual. Para tal, colocamo-nos as seguintes questões: em que consiste tal interação e de que forma se pode verificá-la? Para respondê-las, recorremos à pesquisa bibliográfica para a construção dos conceitos de cidadania e de educação e, para a verificação da interação desses aspectos com a religião, recorremos a depoimentos de uma benzedeira, coletados em pesquisa de campo, realizada na região central de Goiânia, no primeiro semestre de 2009. Tal procedimento nos permitiu perceber que a benzedura se configura como um espaço privilegiado de educação para a cidadania, uma vez que em tal prática religiosa a forma de agir se dá nos moldes de compartilhar conhecimentos sobre aquilo que realmente significa para aquela comunidade.

Palavras-chave: Religião. Educação. Cidadania. Benzedura.

Abstract: The goal of this article is to perform an analysis of the interrelation between religion, education and citizenship in today's society. To this end, we place ourselves the following questions: what is that interaction and how can you check it? To answer them, we use the bibliographic research for the construction of the concepts of citizenship and education and, for the verification of the interaction of these aspects with the Religion, we used the testimony of a *benzedeira*, collected on field research conducted in the central region of Goiânia, the first half of 2009. This procedure has allowed us to realize that the *benzedura* (*healing by prayers*) configures itself as a privileged space of education to citizenship, since in such religious practice the way of proceeding is giving to us manners of sharing knowledge about what it really means to that community.

Keywords: Religion. Education. Citizenship. *Benzedura*.

¹ O artigo foi recebido em 1 de setembro de 2011 e aprovado em 2 de abril de 2012 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Bernardo do Campo/SP, Brasil. Professora no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), de Goiânia/GO, Brasil. Contato: cetelemos@uol.com.br

Neste artigo parte-se do pressuposto de que na sociedade atual há uma profunda inter-relação entre a religião, a educação e a cidadania. Visando aprofundar a análise sobre tal fenômeno, colocam-se as seguintes questões: em que consiste tal interação e de que forma se pode verificá-la? Para respondê-las, recorrendo à pesquisa bibliográfica e a depoimentos de uma benzedeira, apresenta-se a análise da articulação dessas três dimensões. Os depoimentos da benzedeira foram coletados em pesquisa de campo realizada na região central de Goiânia, no primeiro semestre de 2009. A pesquisa foi realizada em dois espaços de benzedura: um na casa da benzedeira D. Zélia, que desempenha seu ofício no Setor Universitário de Goiânia; o segundo espaço foi a casa da benzedeira D. Ludmila³, que desempenha suas funções no Setor Pedro Ludovico, também em Goiânia. Entende-se que essa expressão religiosa permite verificar processos educativos de construção da cidadania nos micros espaços sociais, na busca de soluções imediatas às questões que emergem do cotidiano das pessoas e que, aparentemente, nada as relaciona com a cidadania entendida em um sentido político mais amplo.

Benzedura: espaço sociorreligioso típico do catolicismo popular

Entendemos a benzedura como um ritual realizado, na maioria das vezes, por uma “mulher, geralmente idosa, quem tem ‘poderes de cura’ por meio de benzimento”⁴. No entanto, destacamos que tal prática religiosa não consiste apenas de um rito, trata-se de um sistema simbólico⁵ constituído por muitos elementos, como o conteúdo específico da crença (concepção de sagrado, mitos de referência ou conteúdo teológico, símbolos utilizados e seus significados, e o desenrolar do próprio rito), o ambiente em que se realiza, os agentes envolvidos na efetivação da prática religiosa (trazendo consigo seu *ethos* e visões de mundo⁶ (e as relações de poder que se estabelecem entre eles). Tudo isso efetivando-se em um processo interativo com o contexto sociocultural mais amplo em que tal prática está inserida. Como podemos situar a benzedura em seus processos educativos de construção da cidadania em um contexto sociocultural mais amplo? Vamos lançar luz a essa questão retomando o pensamento de Canclini sobre a relação entre cultura popular e os demais âmbitos da cultura. Para o autor, cultura refere-se à

produção de fenômenos que contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação

³ Com o objetivo de preservar a privacidade das benzedeiros, os nomes aqui utilizados são fictícios. O mesmo critério é utilizado quando nos referirmos às mulheres que procuram pelos serviços das mesmas.

⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2001. p. 587.

⁵ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

⁶ GEERTZ, 1989, p. 143.

do sistema social, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido⁷.

Ao apresentar sua concepção de cultura, Canclini destaca um dado interessante: a articulação entre as dimensões subjetivas da cultura e a materialidade das relações sociais. A importância de tal dado se torna evidente quando se analisam as forças em jogo quando se trata da apropriação da cultura. Ou seja, a materialidade das relações sociais é um dado importante no que tange à cultura, mas nas relações cotidianas os elementos materiais são distribuídos de forma desigual. É na análise do jogo das relações, quando se trata da apropriação cultural, que se insere o significado do debate entre cultura popular e oficial-erudita. Na perspectiva de Chartier⁸, é “inútil querer identificar a cultura popular a partir da distribuição supostamente específica de certos objetos ou modelos culturais. O que importa, de fato, tanto quanto sua repartição, sempre mais complexa do que parece, é sua apropriação pelos grupos ou indivíduos”.

É enquanto apropriação desigual da cultura produzida e em produção que o debate sobre o catolicismo popular se insere. Segundo Suess⁹, o catolicismo popular origina-se do desnível entre o catolicismo oficial e o catolicismo do povo simples, pois esse mantém, em sua prática religiosa, os traços culturais próprios de seu meio e que nem sempre são idênticos aos conceitos e à doutrina do catolicismo oficial. Quais seriam, então, os traços da cultura presentes na benzedura, esse ritual típico do catolicismo popular? De que forma tais traços são ritualizados e apresentam-se como processos educativos de construção da cidadania?

Benzedura: um espaço de construção da cidadania

Retomando o pensamento de vários autores¹⁰ que conceituam cidadania, verificamos que, em síntese, cidadania significa direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei, à participação no destino da sociedade, a votar e ser votado, à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, a uma velhice tranquila. A cidadania não é algo pronto, mas em permanente construção, e a luta para que ela aconteça deve ser marcada pelo sentido de solidariedade, de fraternidade e de ética, que devem caracterizar as relações cotidianas. É a partir dessas considerações que entendemos que as práticas de benzedura se constituem espaço de construção de cidadania. São esses direitos que as benzedoras, ao modo típico dessa forma de crer e de expressar as

⁷ CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2003. p. 29.

⁸ CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. In: *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 184, 1995.

⁹ SUESS, Guenter Paulo. *Catolicismo popular no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1979. p. 26.

¹⁰ MARSHAL, T. H. *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967; PINSKY, Jaime. *Cidadania e Educação*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 10; PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla (Orgs). *História da Cidadania*. São Paulo: Contexto, 2005.

crenças, buscam garantir e, ao fazê-lo, estão construindo a cidadania em seu contexto cultural específico.

As benzedeadas são vistas pelos clientes não só como agentes religiosas, mas também terapêuticas, compartilhando com esses o mesmo universo social. Ela é, então, “um membro das classes populares de cujo modo de vida e de pensamento ela participa”¹¹. Tal perspectiva é compartilhada pela benzedeadora que se expôs enquanto sujeito em nossa investigação. Dona Ludmila mesma explicita como se autopercebe enquanto benzedeadora. Para ela:

Se perguntam se eu sei benzer, eu falo que sei fazer novena. É porque as pessoas podem pensar que a gente faz outras coisas e eu não sei nada. É só as novenas. Não tem outras coisas no meio. É isso aí. De um lado, remédio, eu sei fazer bastante. Mas também não faço o remédio sem pedir pra Deus, sem fazer a prova na mão e pedir em nome de Deus se dá certo aquele remédio ou se não dá praquela pessoa. Se não dá, não dá. Eu não faço.

Pelas características da liderança que exerce na comunidade e pelas questões com que se ocupa, podemos dizer que D. Ludmila é uma cidadã que luta constantemente em seu cotidiano para que os direitos de cidadania de outros membros da comunidade e dela própria sejam garantidos. Tal luta não se dá nas formas em que lutam os movimentos sociais em geral¹², mas na garantia de bom andamento da vida cotidiana, com a melhor qualidade possível de todos os aspectos que, de fato, contam para aquela comunidade. Compreender como a construção da cidadania se dá nos meandros da “vida cotidiana” é de fundamental importância, uma vez que, como afirma Martins¹³, “os grandes embates pela redenção do gênero humano de suas limitações e misérias estão sendo readaptados a esse novo território da vida e do viver”. Para ele,

a história bloqueada pelo capital e pelo poder fez da vida cotidiana o refúgio para o desencanto de um futuro improvável. A sociedade está sendo reinventada (...). É nesse âmbito que ganha uma nova relevância a mediação do conhecimento do dia-a-dia na construção das relações sociais.¹⁴

Se, como afirmam Pinski e Pinski¹⁵, a cidadania é um conceito histórico, cujos significados variam no tempo e no espaço, a presença e as ações de D. Ludmila estão nos desafiando a repensar nossa própria concepção de cidadania.

¹¹ CASCUDO, 2001, p. 587.

¹² Uma descrição das diferentes formas de lutas em busca da cidadania encontra-se em GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola, 1997; SCHERER-WARREN, Ilse. *Redes de movimentos sociais*. São Paulo: Loyola, 1993; MELUCCI, Alberto. *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis: Vozes, 2001.

¹³ MARTINS, José de Souza. O senso comum e a vida cotidiana. *Tempo Social*. Rev. Sociologia, São Paulo: USP, 1998. Disponível em: <fflch.usp.br/sociologia/temposocial_2/pdf/vol10n1/0%senso.pdf>. p. 1.

¹⁴ MARTINS, 1998, p. 1.

¹⁵ PINSKI e PINSKI, 2005, p. 9.

Podemos aprofundar a compreensão dessa forma de busca de cidadania referindo-nos aos desafios apresentados por Hochschild¹⁶. A partir de depoimentos de mulheres cuidadoras de crianças, de idosos e de doentes, oriundas de países pobres e migrantes nos mais diferentes países do chamado Primeiro Mundo, a autora faz uma interessante análise sobre como a globalização incide sobre os mais diferentes aspectos da vida humana, destacando o deslocamento de afetos. Tal deslocamento se dá naquilo que a autora chama de cadeias globais de assistência: “uma série de vínculos pessoais entre pessoas de todo mundo com base no trabalho, remunerado ou não, de cuidar e tomar conta”¹⁷. Ela afirma que, em geral, são as mulheres que fazem essa cadeia, que se articula mais ou menos assim: uma mulher, mãe de filhos e com necessidades financeiras para mantê-los, deixa-os aos cuidados de uma outra mulher que também se encontra na mesma situação, mas que se contenta em ganhar pouco; vai, então, cuidar de filhos de casais ricos em algum país do Primeiro Mundo, onde ganha bem mais, enviando, assim, o dinheiro ganho tanto para a manutenção de seus próprios filhos como, indiretamente, para a manutenção dos filhos da cuidadora dos filhos dela. Como ela fica muito tempo longe de seus filhos, ocorre muitas vezes que vai transferindo os afetos que seriam de direito deles aos filhos de outros, dos casais para os quais trabalha. Tal fenômeno é visto pelos seus empregadores e, muitas vezes, por ela mesma como naturais, como sinal da amorosidade dela. A autora destaca nossa incapacidade, enquanto cientistas, de colocar perguntas a tais situações. Segundo a autora, estamos acostumados a nos concentrar em pessoas no atacado e não lançamos boa luz sobre as relações humanas individuais: “a maior parte do que se escreveu sobre globalização concentra-se nos fluxos de dinheiro, mercado e mão-de-obra e dá pouquíssima atenção a mulheres, crianças e como umas cuidam das outras” e, quando se ocupa das mulheres, esquece-se das cadeias em que as relações entre elas se desenrolam, bem como da ecologia emocional da qual as trabalhadoras fazem parte.¹⁸ A autora desafia-nos, então, a voltar nosso olhar tanto para o lado macro como para o lado micro da história.

Chamei o pensamento de Hochschild para dizer que os estudos sobre educação e cidadania podem incorrer nos mesmos riscos que ela denuncia. Ou seja, pensar a cidadania somente enquanto espaço de embate entre cidadão, no coletivo e em suas organizações em movimentos sociais e ONGs, e o Estado, que deve lhes garantir o acesso àquilo que lhes é de direito. Ouso dizer que, para essa forma de entender a cidadania, o caso de D. Ludmila é pouco esclarecedor. Mas se nós nos capacitarmos para ver mais de perto o desenrolar das relações cotidianas e como as pessoas as preservam e buscam vivê-las de acordo com o que aprenderam nos diferentes processos de construção e de transmissão da cultura, então tal espaço se nos apresenta privilegiado, como um espaço de educação para a cidadania.

¹⁶ HOCHSCHILD, Arlie Russell. As cadeias globais de assistência e a mais-valia emocional. In: HUTTON, Will e GIDDENS, Anthony (Orgs.). *No limite da racionalidade: convivendo com o capitalismo global*. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 188-195.

¹⁷ HOCHSCHILD, 2004, p. 188.

¹⁸ HOCHSCHILD, 2004, p. 190.

Benzedura: um espaço educativo de construção da cidadania

Na perspectiva de Paulo Freire¹⁹, a educação é um **processo contínuo** que ocorre em diversos contextos sociais, possibilitando a construção de novos conhecimentos, o crescimento pessoal e o melhor relacionamento do indivíduo na família, escola, comunidade, sociedade. É **através de trocas e vivências** que ampliamos nosso conhecimento, mudamos nossas ações e nossa forma de ver e sentir o mundo. Qual é a perspectiva dos conhecimentos veiculados no espaço da benzedura? O que têm a ver tais conhecimentos com a cidadania? As benzedoras, como qualquer pessoa que convive com a cultura popular, têm como perspectiva de seu pensamento as questões relacionadas à vida cotidiana. Um dos primeiros aspectos da vida cotidiana por ela destacado foi a maternidade. Um outro aspecto da vida cotidiana que ocupa grande parte das preocupações e das ações da Sra. Olivia é o da sobrevivência econômica. Ela ocupa-se ainda com problemas conjugais e afetivos; mães preocupadas com os estudos dos filhos ou a sua moral; homens com problemas nos negócios, no emprego ou desempregados; pessoas com conflitos familiares, profissionais ou vícios; estudantes em vésperas de exames; pessoas com problemas de saúde e outros.²⁰ Tais questões são tratadas por elas de modo pragmático, sem a construção de muita filosofia em relação a elas. Se as pessoas têm uma necessidade, elas fazem uma “prova”, descobrem qual é a vontade de Deus para aquele problema e pronto, é só realizar o rito adequado para solucioná-lo.

Entendemos que os problemas com os quais se ocupa a benzedora, bem como a forma de solucioná-los estão entre os aspectos destacados por Paulo Freire²¹, ao enumerar os conteúdos que seriam sistematizados e trocados no processo educativo. Para ele, tais conteúdos referem-se às diferentes qualidades ou virtudes da vida humana. Que lugar seria dado nos processos educativos às teorias que tanto prezamos? Para o autor, teorizar é contemplar. Mas é um contemplar que implica atividade, um ver e agir, uma práxis, que “é ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”. Se aderirmos às proposições do autor, então podemos afirmar que D. Ludmila é uma educadora por excelência. A resistência cultural que se dá através das práticas de benzedura por ela realizadas não é elaborada, sistematizada, pensada em vista de transformações político-econômicas. Dadas as circunstâncias do espaço social em que suas práticas se dão e o universo cultural em que ela está inserida, nem se pode esperar dela tais posicionamentos. Naquele espaço social, resistir culturalmente é “apenas” uma necessidade para que a sobrevivência, com dignidade, seja possível. Coerente

¹⁹ FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979; FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

²⁰ Para maiores esclarecimentos sobre tipos de bênçãos e de seus praticantes, bem como as relações de aliança e conflito entre agentes de religião no Brasil, ver OLIVEIRA, Elda Rizzo. *O que é benzeção*. São Paulo: Brasiliense, 1985 e BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O festim dos bruxos: estudos sobre as religiões no Brasil*. São Paulo: Ícone, 1987. p.15-84. Utilizamos o trabalho de OLIVEIRA como referencial básico para nossa pesquisa.

²¹ FREIRE, 1983.

com essa perspectiva, uma primeira forma de conhecimento que podemos perceber no espaço da benzedura é o que se refere às ervas para os chás. Embora não se apresentando como um conhecimento erudito, e sendo necessário recorrer ao sagrado como forma de reconhecimento sobre a eficácia dos remédios indicados, Dona Ludmila, como qualquer benzedeira, não apresenta dúvidas sobre seus critérios de escolha:

Que tem remédio que eu pego sem saber se é remédio. Porque se você precisa de um remédio, eu faço uma prova de uma coisa, não dá; faço de outra, não dá. Vou fazendo até saber qual é o remédio melhor. Porque me vem na ideia o que eu posso fazer. Então, o remédio que dá certo, pode ir pegando que é aquele. Porque já (...) eu podia saber remédio ensinado, mas eu não quis.

Pelo que pudemos perceber, nas práticas da benzedura é a concepção de saúde articulada com uma cosmologia específica em que informações da vida prática ganham vida e sentido quando colocadas na boca de deuses e de entes sobrenaturais. Tal forma de conceber a vida e as relações sociais pode ser entendida à luz da antropologia da religião.

Geertz afirma que a religião é “um sistema de símbolos”²². Para Bourdieu, tal sistema de símbolos é estruturado, e sua estrutura corresponde à estrutura social na qual está inserida; mas ela é também, graças ao seu efeito de consagração ou de legitimação de diferentes situações, um sistema de símbolos estruturante, e por esse motivo ela delimita o campo do que pode ser discutido em oposição ao que está fora de discussão.²³ Geertz nos diz ainda que o conteúdo da religião é uma síntese do *ethos* de um povo.²⁴ Se assim for, então podemos inferir, a partir dos depoimentos de D. Ludmila, que entre os elementos do *ethos* da população com a qual ela interage está a boa qualidade da saúde e as boas relações familiares. Isso porque a benzedura é também um espaço de conhecimentos que evidenciam a centralidade da família naquela cultura. Tal centralidade na família pode ser entendida nos apoiando nas afirmações de Brandão.

Na compreensão de Brandão, a solidão não é um costume nas culturas populares. O solitário é definido como um triste, um infeliz, um coitado. Pessoas (nesses espaços sociais) são parentes, são amigos, são vizinhos, são compadres; são feixes de relações e não existem para estar sós.²⁵

Se as pessoas não querem estar sós, a família é o lugar que garante o estar juntos de forma mais significativa. Aliás, a família é tão importante na concepção de tais relações que é apresentada como o modelo das relações ideais. Ou seja, se alguma relação é boa, ela é igual a uma família. Um dos aspectos centrais da cultura em que a benzedura está inserida é, como já afirmamos acima, a centralidade na família. No

²² GEERTZ, 1989, p. 104.

²³ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998. p. 45 e 33.

²⁴ GEERTZ, 1989, p. 103-104.

²⁵ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A partilha do tempo. In: SANCHIS, Pierre (Org.). *Catolicismo: cotidiano e movimentos*. Rio de Janeiro: ISER; São Paulo: Loyola, 1992.

entanto, coerentemente com o fato de se situar em um universo marcado pela cultura popular, a realidade das famílias que compõem a população dos praticantes de tal expressão religiosa nem sempre se coaduna com as famílias descritas pelo catolicismo oficial. Vale ressaltar que a própria concepção da família na cultura popular é tecida pelo ideário religioso que compõe a referida cultura. Ou seja, a família faz parte de uma ordem sagrada que deve ser preservada pelo grau de importância que tem, de tal forma que é protegida pelas próprias entidades sagradas que povoam o universo religioso daquela população. A importância da família é evidenciada nas práticas da benzedura, através da maneira como deuses e espíritos (quer do mal, quer do bem) dela se ocupam. Ou seja, se algo na família não está conforme o esperado, é porque alguém (um outro benzedor ou chefe de terreiro de candomblé) acionou um espírito do mal, fez um “mal feito” para destruí-la, necessitando, portanto, de um outro ritual religioso (a novena ou a bênção) para solucionar o problema.

Pinski afirma que a luta pela construção da cidadania não pode perder de vista o sentido de solidariedade, de fraternidade e de ética, que devem caracterizar as relações cotidianas.²⁶ Se assim for, então se constituem em processos educativos de construção da cidadania os rituais realizados por D. Ludmila. Isso porque esses visam à manutenção de uma família bem estruturada, onde a harmonia das relações é restabelecida, os desequilíbrios econômicos, se não são solucionados, pelo menos encontram um sentido no quadro de valores implícitos na crença e na prática da benzedura.

Religião popular, o cotidiano e a cidadania

Começamos esta análise perguntando-nos que relações poderíamos estabelecer entre as formas de crer e praticar a religião no caso específico da benzedura e os processos educativos de construção da cidadania. Ao relacionarmos as proposições de Paulo Freire sobre a educação com o que acima delineamos em relação à cidadania, pode-se vislumbrar que a própria concepção de cidadania, bem como dos diferentes aspectos que dela desejamos perseguir em distintos tempos e espaços já devem ser definidos e perseguidos em processos educativos. Processos esses que, por sua vez, se retroalimentam pela ação-reflexão-ação, o que, em si, já estaria sendo uma experiência de cidadania enquanto se luta pela construção dela.

Na perspectiva de Marshal²⁷, a cidadania abrange três dimensões da vida sociopolítica: a) os direitos civis, que implicam o direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei; b) os direitos políticos, que consiste em participar no destino da sociedade, votar e ser votado; c) os direitos sociais, que garantem a participação do indivíduo na riqueza coletiva: o direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, a uma velhice tranquila. Pela análise dos elementos constituintes da cultura, que estão presentes nas crenças e práticas presentes na benzedura, e pela forma como a benzedora realiza suas atividades, vislumbramos o quanto tal rito se apresenta como

²⁶ PINSKI, 2005, p. 10.

²⁷ MARSHAL, 1967.

um processo educativo de construção da cidadania. Isso porque os elementos que D. Ludmila busca preservar para si e para sua clientela são esses mesmos que compõem os direitos próprios da cidadania.

Para D. Ludmila há uma concepção de maternidade e de estrutura familiar que, embora possa não estar coerente com a legislação ou os ensinamentos religiosos oficiais, não deve ser questionada. Ou seja, para que seu cotidiano faça sentido, as famílias devem se estruturar daquela forma. Sendo assim, quando em sua prática religiosa percebe distanciamentos entre o esperado e o real, há que fornecer explicações plausíveis. E as explicações para tais distanciamentos só podem vir do universo sobrenatural (foi um mal feito) e é também nesse universo (benzedura e novena) que deverá ser corrigido. Esse é o mundo coerente para D. Ludmila e sua clientela.

As pessoas recorrem a D. Ludmila porque confiam em suas habilidades, seus conhecimentos relacionados à medicina caseira, e por isso acessível, e a outros setores de seu cotidiano. Tal realidade nos faz destacar o significado de educação nos moldes do senso comum. Martins²⁸ afirma que o senso comum é comum não porque seja banal ou mero e exterior conhecimento, mas porque é conhecimento compartilhado entre os sujeitos da relação social. Nele, o significado o precede, pois é condição de seu estabelecimento e ocorrência. Sem significado compartilhado não há interação e, diremos nós, sem interação não há eficácia na benzedura.

Martins²⁹ afirma que não há possibilidade de que os participantes da interação se imponham significados, já que o significado é reciprocamente experimentado pelos sujeitos. A significação da ação é, de certo modo, negociada por eles. Em princípio, não há um significado prévio ou, melhor dizendo, não é necessário que haja significações preestabelecidas para que a interação se dê. No caso das benzeduras, fica evidente que os significados sobre como se deve estruturar a vida cotidiana, com uma determinada forma de organização familiar e de solucionar os gravíssimos problemas de saúde são compartilhados pelas pessoas envolvidas: a benzedora e sua clientela. A forma de agir, nos moldes de compartilhar conhecimentos sobre aquilo que realmente significa para aquela comunidade, é que nos faz ver em D. Ludmila e em suas práticas de benzedura um processo educativo de construção de cidadania, ou seja, de garantia do direito de viver conforme vivem, conforme possam entender-se a si mesmos e aos outros, em um universo de valores compartilhados. No caso do senso comum presente no espaço social da benzedura em questão, uma vida cotidiana dotada de significados é aquela em que as relações familiares, ainda que marcadamente patriarcal, acontecem com um mínimo de conflitos possíveis e a situação de saúde deve permanecer em um estado tolerável.

Segundo o pensamento de Martins³⁰, os significados são reinventados continuamente ao invés de serem continuamente copiados. As situações de anomia e desordem são resolvidas pelo próprio homem comum justamente porque ele dispõe de um

²⁸ MARTINS, 1998, p. 3.

²⁹ MARTINS, 1998, p. 3.

³⁰ MARTINS, 1998, p. 4.

meio para interpretar situações (e ações) sem sentido, podendo, em questão de segundos, remendar as fraturas da situação social. A forma que os praticantes da benzedura encontram para interpretar as situações sem sentido por eles experienciadas e remendar as fraturas de sua situação social é remetendo-a para a dimensão religiosa, espaço em que a ordenação social é entendida como “uma criação de potências transcendentes, ou esta é como é porque as potências transcendentes assim o têm querido ou permitido”³¹. Como o pensamento religioso é elemento constituinte do senso comum, ele contribui para o caráter prático desse, uma vez que fornece respostas “seguras” e “práticas” a questões complexas e praticamente impossíveis de serem solucionadas, como é o caso das questões enfrentadas no espaço da benzedura. No caso de D. Ludmila, de que forma ela sintetiza e expressa o processo de aquisição e de transmissão do conhecimento necessário à sobrevivência dela e de sua comunidade? Certamente ela se expressa a partir de um código de linguagem própria de seu universo cultural, ou seja, da linguagem religiosa. E, assim fazendo, nos desafia a uma outra forma de educação para a construção da cidadania, ou melhor, nos desafia a repensar as próprias proposições da cidadania.

Ideias conclusivas

A partir da análise da benzedura como espaço de processos educativos para a construção da cidadania, podemos concluir que o desafio da religião em relação à educação para a cidadania é o mesmo desafio geral enfrentado por todas as dimensões da vida social. É a vida social, no seu todo, que precisa ser educada; é o que queremos como seres humanos que somos, que precisa ser esclarecido, para que a educação e a religião, como uma das formas de educação, possa dar sua contribuição no processo de construção da cidadania.

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A partilha do tempo. In: SANCHIS, Pierre (Org.). *Catolicismo: cotidiano e movimentos*. Rio de Janeiro: ISER; São Paulo: Loyola, 1992.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O festim dos bruxos: estudos sobre as religiões no Brasil*. São Paulo: Ícone, 1987.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2003.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2001.
- CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico In: *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

³¹ HELLER, A. *Sociologia de la vida cotidiana*. 4. ed. Barcelona: Península, 1998. p. 162.

- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola, 1997.
- HELLER, A. *Sociologia de la vida cotidiana*. 4. ed. Barcelona: Península, 1998.
- HOCHSCHILD, Arlie Russell. As cadeias globais de assistência e a mais-valia emocional. In: HUTTON, Will e GIDDENS, Anthony (Orgs.). *No limite da racionalidade: convivendo com o capitalismo global*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- MARSHAL, T. H. *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- MARTINS, José de Souza. O senso comum e a vida cotidiana. *Tempo Social*. Rev. Sociologia, São Paulo: USP, 1998. Disponível em: <fflch.usp.br/sociologia/tempocial_2/pdf/vol10n1/0%senso.pdf >.
- MELUCCI, Alberto. *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- OLIVEIRA, Elda Rizzo. *O que é benzeção*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PINSKY, Jaime. *Cidadania e Educação*. São Paulo: Contexto, 2002.
- PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla (Orgs.). *História da Cidadania*. São Paulo: Contexto, 2005.
- SCHERER-WARREN, Ilse. *Redes de movimentos sociais*. São Paulo: Loyola, 1993.
- SUESS, Guenter Paulo. *Catolicismo popular no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1979.